

## AS RAÍZES DO BRASILEIRO – A CORDIALIDADE NA OBRA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Área temática: História

Amanda Dutra Hot<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Mestre em História pela UFOP e professora no curso de História na Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu (FACIG).

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo analisar o conceito de homem cordial, presente na obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Pretende-se demonstrar como o conceito de homem cordial se desenvolveu e em que medida persiste na história da sociedade brasileira. Partindo da forma como a colonização do Brasil se deu e da consequente organização da política e da sociedade brasileira, impostas pelo nosso colonizador, demonstraremos que nossa atual configuração se deve a esta herança colonizadora.

**Palavras chave:** cordialidade, identidade, colonização do Brasil.

### INTRODUÇÃO

Nas palavras do professor Antônio Cândido, *Raízes do Brasil* é um livro que “nasceu clássico”<sup>1</sup>, pois fez uma interessante análise de nossa sociedade colonial. É uma obra que buscou nas características presentes nas sociedades ibéricas as origens para o paternalismo existente nas relações entre os habitantes da colônia brasileira.

*Raízes do Brasil* introduz o conceito de homem cordial como um dos elementos da sociedade colonial. A cordialidade é apresentada a partir da sua relação com o processo de colonização portuguesa no Brasil e com um tipo de socialização rural e doméstica (AVELINO FILHO, 1990, p.5).

O que nos interessa no presente trabalho é tentar mostrar o nascimento e desenvolvimento do conceito de homem cordial, desde a colonização portuguesa até uma realidade mais contemporânea, bem como o que caracteriza a cordialidade, até uma discussão do que poderia ser uma superação ou relativização deste conceito.

Através deste estudo e das observações já citadas, buscaremos analisar em que medida a noção de homem cordial, em *Raízes do Brasil*, nos indica o caminho escolhido por Sérgio Buarque de Holanda para caracterizar uma identidade nacional,

bem como a existência ou não de um “tipo próprio de cultura”.

### AS ORIGENS DO HOMEM CORDIAL

A Europa do século XVI se caracterizou por uma rígida coesão social, privilégios hereditários e uma hierarquização na sociedade. Pode-se dizer que Portugal<sup>2</sup> constituiu uma exceção a esta regra, desenvolvendo aquilo que Sérgio Buarque de Holanda denominou “cultura da personalidade”.

Nas palavras de Holanda (1982) pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional.

Dessa forma, o isolamento que a Península Ibérica encontrou-se, faz com que os portugueses constituam-se por si mesmos, pelo esforço pessoal. A partir daí forma-se uma sociedade que permite grande mobilidade entre as camadas sociais, devido ao afrouxamento da estrutura social. Já não são mais tão rígidos os princípios

<sup>1</sup> Esta afirmação de Antônio Cândido pode ser encontrada em CÂNDIDO, Antônio. Prefácio. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. RJ: José Olympio Editora, 1982.

<sup>2</sup> Sérgio Buarque de Holanda se refere à Península Ibérica, mas trataremos mais detidamente de Portugal, por ter sido nosso principal colonizador.

hereditários de nobreza, possibilitando a qualquer pessoa adquirir um título, bastando para tal, que a mesma tenha considerável riqueza.

Além da mobilidade social trazida pelos portugueses, os mesmos, através de um processo de miscigenação, proporcionaram um enfraquecimento das regras familiares. Mesmo depois que os portugueses trouxeram suas mulheres e constituíram famílias, a miscigenação sexual é constante. As relações sexuais entre brancos e negras tornam-se frequentes e “aceitas” na colônia, contribuindo para a miscigenação brasileira e influenciando a constituição das relações paternalistas no Brasil.

Até a religião, aparentemente inabalável, vê-se obrigada a adaptar-se à realidade da colônia. Os casamentos são menos frequentes, as festas religiosas perdem a respeitabilidade antes apresentada (PRADO JR., 1971, p.355).

Embora Sérgio Buarque de Holanda não afirme a existência de uma hierarquia social no Brasil, podemos afirmar que a mesma existiu, mesmo sendo permeada por uma flexibilidade característica da colonização brasileira. A estratificação dava-se na medida em que havia um senhor, abastado, no topo da pirâmide social e os escravos, subordinados, em sua base.

Voltando à colonização portuguesa, há que se ressaltar a característica do colonizador que aqui chegou para embasarmos o argumento de que o homem que se configurou nas terras brasileiras e persiste nos dias atuais (de alguma maneira) é o homem cordial.

Segundo Holanda, os portugueses que aqui chegaram não se tratavam de homens com ocupações já determinadas e fixas em sua terra, mas sim de aventureiros. Ou seja, os homens que aceitaram a empreitada colonizadora vieram com a intenção de enriquecer em pouco tempo e obter títulos de nobreza<sup>3</sup>. Queriam enriquecer e desfrutar da fortuna em Portugal. Dessa

forma nasce uma nova consciência, importando para esses homens o mérito e a virtude e não a nobreza adquirida pela família através dos tempos ou pela política de dom e contra dom com o rei.

A característica principal deste tipo de mentalidade foi, segundo Sérgio Buarque de Holanda, o desenvolvimento extremado da “cultura da personalidade”, que se definiria pelo valor dado à autonomia do homem e à ausência de qualquer tipo de dependência; uma espécie de “individualismo radical” que produz uma situação de luta e competição constantes na busca da auto superação e acréscimo de prestígio pessoal (AVELINO FILHO, 1990, p.6).

Essa mentalidade formará uma frágil organização portuguesa no Brasil, crítica constante de Sérgio Buarque de Holanda. Nas palavras do autor “em terras onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida” (HOLANDA, 1982, p.4).

Para dar conta da mentalidade ibérica, Holanda elabora uma tipologia do “aventureiro” e do “trabalhador”. O aventureiro seria o colonizador português, pois para Holanda

Essa exploração dos trópicos não se processou, em verdade por um empreendimento metódico e racional, não emanou de uma vontade construtora e enérgica, fez-se antes com desleixo e certo abandono (HOLANDA, 1982, p.12).

Para comprovar tal argumento o autor relembra o caráter rural do empreendimento português que perdurou até bem pouco tempo atrás. A prática da exploração desenfreada e despreocupada em estabelecer raízes e uma estrutura foi denominada de semeadora. Até mesmo a forma irregular como a urbanização tardia constituiu-se alude a esse desleixo do colonizador português. “A ordem que aceita não é a que compõem os homens com trabalho, mas a que fazem com desleixo e certa liberdade; a ordem do semeador, não a do ladrilhador” (HOLANDA, 1982, p.82).

A colonização espanhola é tida como a do ladrilhador, onde o trabalho, a organização e a urbanização mais ordenada fazem-se presentes.

<sup>3</sup> A este respeito ver também o trabalho HOT, Amanda Dutra. Muito dinheiro e pouca nobreza: estratégias de ascensão social dos negociantes no Brasil Colonial (Séculos XVII e XVIII), publicado nos Anais do II Memorial do ICHS, disponível em <http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/h531.pdf>.

Através desta distinção Holanda constrói as bases de um personalismo aqui desenvolvido. Mesmo com a abolição da escravidão, em 1888, o rural predomina, sendo isto claramente percebido no âmbito familiar se projetando fora dele. Ou seja, os vínculos familiares extrapolam o mundo privado e se estendem ao mundo público. Isso é bastante perceptível nos "partidos políticos" da época, em que interesses individuais e familiares alcançam a política.

Em relação a essa dicotomia rural/urbano, Buarque de Holanda alega serem

dois mundos distintos que se hostilizavam com rancor crescente, duas mentalidades que se opunham como ao racional se opõe o tradicional, ao abstrato o corpóreo e o sensível, o citadino e cosmopolita ao regional ou paroquial. A presença de tais conflitos já parece denunciar a imaturidade do Brasil escravocrata para transformações que lhe alterassem profundamente a fisionomia (HOLANDA, 1982, p.46).

A preponderância do rural sobre o urbano faz-se sentir quando, mesmo nas cidades, as famílias mantêm uma mentalidade especificamente ruralista, voltada ao crescimento pessoal, aos interesses individuais. Mas este certo individualismo não excluía as relações de solidariedade. Nesta sociedade as relações desenvolviam-se em círculos restritos de amigos e parentes; "(...) a solidariedade, entre eles existe somente onde há vinculação de sentimentos mais do que relações de interesse- no recinto doméstico ou entre amigos" (HOLANDA, 1982, p.10). As pessoas que vivem nessa sociedade não se relacionam com outras pessoas para ascender socialmente ou adquirir qualquer vantagem ou lucro. Os relacionamentos se baseavam mais no sentimento, no afeto e não em princípios racionais.

As relações sociais que surgem a partir daí são baseadas no afeto, na emoção e nos sentimentos vindos do coração. O paternalismo nasce desse preceito onde a emoção está acima da razão. Serão, então, os sentimentos (bons ou maus) a estruturarem as relações estabelecidas no Brasil colonial.

Os elementos até aqui citados ocasionarão o nascimento do polêmico "homem cordial" de Sérgio Buarque de Holanda.

### O HOMEM CORDIAL

A cordialidade construída na obra de Sérgio Buarque de Holanda pretendia definir a identidade brasileira que resultou da colonização portuguesa. O homem cordial pode ser definido como aquele que constrói todas as suas relações sociais por meio da afetividade, renegando sempre os princípios da razão. Como bem afirmou Maria Odila Leite da Silva Dias<sup>4</sup>, a cordialidade a que Sérgio Buarque faz referência diz respeito à dificuldade de institucionalização que o brasileiro possui, consequência das relações estreitas de sociabilidade que carregamos desde os tempos coloniais.

No Brasil colônia a cordialidade se faz presente a todo o momento a partir das relações estabelecidas entre o "homem da casa", o patriarca, com os demais membros da família, da criadagem e do círculo de convívio (amigos, agregados). Dessa forma, a família pode ser considerada uma unidade movida pelo afeto e pela lógica do interesse recíproco. Se, por exemplo, determinado fazendeiro fizesse algum tipo de favor a outro, o último sentia-se impelido a retribuir. Em outro exemplo, se se pretendia fazer algum negócio com determinada pessoa, importava muito se a mesma era do convívio do interessado e, se não fosse, dificilmente conseguiria fazer tal negócio.

Já no âmbito mais restrito da família e dos escravos da mesma, as relações também estreitavam-se devido ao contato do senhor com seu escravo e deste com outros membros da família. Muitos escravos trabalharam dentro da casa dos senhores, criando seus filhos, acompanhando a esposa do senhor, enfim perpassando por toda a esfera familiar. Gilberto Freyre<sup>5</sup> nos mostra isso bem claramente em *Casa-Grande e Senzala*, ao perscrutar a influência do escravo negro na formação da família brasileira. Ora, de alguma forma temos que

<sup>4</sup> Cf. entrevista dada por Maria Odila Leite da Silva Dias à Revista IHU ONLINE, disponível no site <http://www.unisinos.br>

<sup>5</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. SP: Global, 2004.

concordar com Freyre, pois se as relações eram tão estreitas, daí a cordialidade pode ter resultado.

Segundo Holanda, a cordialidade era clara nas relações entre senhor e escravo. A mentalidade predominante era a de que o senhor oferece comida e proteção ao escravo, e este deve cumprir seus deveres com o seu senhor, pois se não o fizesse ele estaria traindo a “confiança” depositada pelo senhor, e não, como nossa mentalidade capitalista atual nos impele a pensar, quebrando um processo produtivo.

É importante ressaltar que a cordialidade não implica, necessariamente, a prática de boas maneiras ou gostar de uma pessoa. Muito pelo contrário, a cordialidade se caracteriza pela falta de racionalização das ações, sempre motivadas pelos sentimentos, sendo eles bons ou maus. Segundo Sérgio Buarque de Holanda “a inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, da família, do privado” (HOLANDA, 1982, p.107).

Outro aspecto merece destaque no que tange à ausência da racionalização também na religião. O homem cordial rejeita os formalismos e ritualismos da religião, por isso cria uma espécie de humanização e aproximação com a religião nomeando os santos, em sua maioria, no diminutivo. Dessa forma, busca-se uma intimidade maior com a religião, diminuindo as distâncias que as demais nações criaram por respeito à mesma. Por essa razão alguns viajantes que por aqui passaram afirmaram que a religião no Brasil chegava à irreverência até mesmo naquilo em que a religião católica tinha de mais respeitável<sup>6</sup>.

Com a decadência da economia agrícola e a crescente urbanização, as elites tendem a transferir-se para as cidades. Os cargos públicos são agora ocupados por uma mentalidade substancialmente rural e personalista. A cordialidade, antes restrita a esfera privada, começa a ocupar a esfera pública; e nessa “invasão” do privado no público a ideia do cordial permanece.

O Estado, que com a urbanização vê sua chance de se afirmar como um órgão democrático, não consegue fazê-lo já que ainda representa uma ampliação da esfera doméstica. Dessa forma a urbanização não trouxe mudanças suficientes para a consolidação do Estado democrático; o mesmo só se formará solidamente quando o âmbito familiar for superado.

O Estado é um espaço que não admite a ordem familiar. O mesmo surge com a superação da família, tornando todos os indivíduos cidadãos comuns, contribuintes e eleitores que têm seus direitos e seus deveres perante o Estado. É a partir daí que vemos o geral triunfar sobre o individual. As sociedades ditas “mais desenvolvidas”, como a europeia, por exemplo, passaram por esse processo, em que não há mais uma intimidade e subjetividade no trato com os demais. O capitalismo e as leis do Estado é que regem a sociedade, a economia e a política.

No Brasil estes princípios do Estado Moderno apareceram mais tardiamente, e mesmo assim não abandonam a cordialidade. O funcionalismo e os políticos brasileiros até bem pouco tempo atrás carregavam muito da cordialidade, o estado impessoal ainda procurava atender seus próprios interesses e dos grupos que os apoiam em vez de pensar no coletivo. Ainda hoje a política brasileira carrega estes traços de interesses próprios e de grupos afins. O nepotismo, ainda que proibido, é uma prática constante e a corrupção chegou a um ponto de ser vista com normalidade. Maria Odila Dias, quando perguntada se existiria um homem cordial contemporâneo, afirmou ser o mesmo, hoje, representado pela corrupção na política brasileira.

Assim, o homem cordial, que teve suas origens há mais de cinco séculos, contrário à polidez e bem distante da civilidade, segundo Sérgio Buarque de Holanda, tende a enfraquecer-se. O autor afirma, ainda, que a cordialidade não se apresenta como algo fixo, imóvel e imutável, podendo ser modificada de acordo com as circunstâncias históricas.

#### **A INFLUÊNCIA DA CORDIALIDADE NA POLÍTICA BRASILEIRA**

Tendo em vista a construção do conceito de cordialidade aqui feita, desde o seu nascimento no Brasil colonial até os dias

<sup>6</sup> Este aspecto relatado por alguns viajantes pode ser encontrado em LEITE, Miriam Moreira. *A condição feminina no RJ do século XIX*. SP: Hucitec; Brasília: INL, 1984.

atuais, é possível levantarmos mais uma questão: o quanto a sociedade brasileira, e especialmente a política, ainda carrega dessa cordialidade?

Como foi mencionado anteriormente, o político que “teoricamente” representa os nossos interesses atualmente no governo é o mesmo que em outros tempos era o fazendeiro abastado, dono de riqueza e poder, que fazia suas próprias leis.

No início do século XX, com o crescimento tecnológico, a urbanização e um aparelhamento do Estado, esses mesmos oligarcas que vinham governando direta (como os presidentes da “política do café-com-leite”) e indiretamente (os fazendeiros que apoiavam e sustentavam essa política) o nosso país, começam a desaparecer. Fizeram, até então, a típica política do legítimo homem cordial, priorizando o interesse de suas riquezas, de seus familiares e de seus aliados, enfim todos os elementos que permitiam a manutenção dessa ordem por eles estabelecida. Agiam em interesses próprios e faziam suas próprias leis, desconsiderando, na prática, a falsa democracia que regia o país.

Com a Revolução de 1930, a política ensaia uma mudança que, na prática, não ocorre. A política continua da mesma forma, com os nossos representantes cada vez mais interessados em lutar por causas próprias.

E assim a situação se perpetuou por todo o século XX: políticos engajados (em causas particulares), o povo quase sempre omissos, alheios a tudo, e uma corrupção que se transformou numa “tradição” na política nacional. Tradição esta explicada pela forma como se deu nosso processo de colonização (desorganizado e sem estruturação, na opinião de Buarque de Holanda), nossas relações de reciprocidade estabelecidas na colônia (em que favorecemos o nosso restrito grupo e a nós mesmos) e na forma como encaminhamos tudo isto até o presente tempo.

A cordialidade pode ser assim entendida, atualmente, como uma dificuldade enfrentada por nós à institucionalização e como o fato de carregarmos resquícios das relações de sociabilidade do século passado. Presos a essa “teia” de interesses, ainda hoje não conseguimos assumir uma impessoalidade nas relações políticas, o que pode ser percebido na prática tão comum do nepotismo e da corrupção.

O que esperamos é que um dia esta triste realidade possa mudar. Que saibamos guardar apenas o que há de positivo na colonização que nos foi aplicada e que dispenseemos, de alguma forma, o legado negativo de comodidade, de aceitação dessa corrupção, enfim, dessa cordialidade que nos foi deixada. Esperamos que possa, finalmente, ser interrompida a “procissão dos milagres”<sup>7</sup>...

### **CORDIALIDADE SUPERADA?**

A cordialidade é o resultado direto da materialização da “cultura da personalidade” na colônia; é somente com o processo de urbanização que a cordialidade, junto com a influência ibérica, começa a enfraquecer-se (AVELINO FILHO, 1990, p.8).

É certo que a cordialidade, desde os tempos em que se configurou, está enfraquecendo. Mas será que está em vias de desaparecer? Ou será que há muito tempo já foi superada?

Tomando por base a interpretação de Cassiano Ricardo do termo cordialidade e a reação de Sérgio Buarque de Holanda à mesma, desenvolveremos este tópico buscando uma resposta para a pergunta que o intitula: ocorreu uma superação da cordialidade?

Em publicação feita à Revista Colégio, em 1948, Cassiano Ricardo tece algumas considerações sobre o conceito de homem cordial e deixa clara sua interpretação. Afirma apresentar o termo homem cordial uma conotação de bondade, “uma bondade mais envolvente, mais política, mais assimiladora”<sup>8</sup>.

Numa edição posterior da mesma revista, Sérgio Buarque de Holanda, rebate a interpretação feita por Cassiano Ricardo através de uma carta destinada a este.

<sup>7</sup> Esta expressão é usada por Sérgio Buarque de Holanda em sua obra *Visão do Paraíso*, criticando todo esse processo que envolve a formação do povo brasileiro, desde sua colonização. Porém, Holanda não teve uma visão muito otimista acerca desse processo, garantindo que o mesmo perduraria.

<sup>8</sup> Citado por HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. RJ: José Olympio Editora, 1982, p.107, nota.

Holanda alega que Cassiano Ricardo equivocou-se, pois o sentido que pretendeu dar à cordialidade não passa de seu sentido denotativo, ou seja, os sentimentos provenientes do coração, sejam eles bons ou ruins.

Sérgio Buarque de Holanda termina a carta com uma afirmação que nos dá pistas para o rumo que tomou o “homem cordial” em seu pensamento e sua obra, fazendo com que pensemos sobre uma possível superação da cordialidade por ele elaborada

Por fim quero frisar, ainda uma vez, que a própria cordialidade não me parece virtude definitiva e cabal que tenha de prevalecer independentemente das circunstâncias mutáveis de nossa existência. Acredito que, ao menos na segunda edição do meu livro, tenha deixado este ponto bastante claro. Associa-a antes a condições particulares de nossa vida rural e colonial, que vamos rapidamente superando. Com a progressiva urbanização, que não consiste apenas no desenvolvimento das metrópoles, mas ainda e sobretudo na incorporação de áreas cada vez mais extensas à esfera da influência metropolitana, o homem cordial se acha fadado provavelmente a desaparecer, onde ainda não desapareceu de todo (Carta a Cassiano Ricardo, HOLANDA, 1982, p.145-146).

Percebemos através do trecho citado, que Sérgio Buarque de Holanda enfatiza o grau de mobilidade e de historicidade que assume o conceito de “homem cordial”. Essa mobilidade talvez diga respeito ao abandono ou modificação paulatina dos valores ligados à cordialidade na história brasileira.

No último capítulo de *Raízes do Brasil*, intitulado “Nossa Revolução”, o autor se refere a uma lenta e gradativa transformação a que estaríamos passando desde a abolição da escravatura em 1888, até alcançarmos a “linha de chegada” que seria a “nossa” modernização. “Nossa” modernização, pois levamos em consideração – como Sérgio Buarque também o fez – que cada nação tem suas peculiaridades e um tempo próprio de desenvolvimento.

O que Sérgio Buarque de Holanda queria dizer é que como país independente, pouco tínhamos, politicamente falando, condições para sustentar este título. Tanto que com uma célebre – porém polêmica – frase, Holanda definiu o que pensava: “A democracia entre nós não passou de um mal entendido”. Com a frase Sérgio Buarque quis dizer que para o tipo de sociedade e de política que existia no Brasil, no século XIX, em que a cultura personalista e os interesses individuais eram predominantes, a democracia não seria uma escolha da maioria. Isso porque numa democracia o interesse da coletividade está no primeiro plano, em detrimento dos interesses individuais; o que não era verificado na política brasileira.

Holanda critica contundentemente o fato de termos importado um conjunto de ideias liberais, sem que antes houvesse um preparo na mentalidade das pessoas. Assim, para um povo que se importa mais com seus próprios interesses era difícil assimilar um “modelo” em que a associação e o interesse do povo eram o alvo da política.

Por fim, é necessário que respeitemos nosso ritmo lento de modernização, segundo o autor, além de procurarmos entendê-lo bem para não repetir o erro de exportar modelos políticos, econômicos, sociais inadequados à nossa realidade brasileira.

## CONCLUSÃO

Tendo em vista o que foi apresentado, podemos perceber que a obra de Sérgio Buarque de Holanda, embora escrita há mais de cinquenta anos, encontra-se atual como nunca e encaixando-se nos problemas que a sociedade brasileira ainda não conseguiu extinguir. A política corrupta, a dificuldade enfrentada para a institucionalização, as relações informais desenvolvidas na sociedade (sempre providas de interesses próprios), são apenas algumas das lembranças que temos ao ler *Raízes do Brasil*.

A obra de Holanda configura-se, na historiografia brasileira, como um dos principais marcos que nos levou a conhecer as raízes do povo brasileiro, sendo de extremo valor para o também conhecimento dos primeiros passos dados pela sociedade para a formação de uma “identidade brasileira”.

Holanda elabora com perfeição um caminho, usando amostragens de nossas origens históricas, sociais e culturais, para mostrar como se configura nossa sociedade hoje.

PRADO JR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. SP: Brasiliense, 1971.

#### BIBLIOGRAFIA

AVELINO FILHO, George. Cordialidade e Civilidade em Raízes do Brasil. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n.12, v.5, fevereiro 1990.

BARBOSA, Francisco de Assis. Verdes Anos de Sérgio Buarque de Holanda. Ensaio sobre sua formação intelectual até Raízes do Brasil. In: **Sérgio Buarque de Holanda. Vida e Obra**. SP: secretaria de estado da Cultura, 1988.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva (org.). **Sérgio Buarque de Holanda. História**. SP: Editora Ática, 1985, p.10-25.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. SP: Global, 2004.

GOLDMAN, Elisa. **A cultura personalista como herança colonial em Raízes do Brasil**. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/bibliotecas/historia/hist02c.htm/>

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1977.

\_\_\_\_\_. **Raízes do Brasil**. RJ: José Olympio Editora, 1982.

HOT, Amanda Dutra. **Muito dinheiro e pouca nobreza: estratégias de ascensão social dos negociantes no Brasil Colonial (Séculos XVII e XVIII)**. In: II Encontro Memorial do ICHS - Nossas Letras na História da Educação, 2009, Mariana. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/h531.pdf>.

IGLESIAS, Francisco. **Sérgio Buarque de Holanda. Historiador**. RJ: Imago, 1992.

LEITE, Miriam Moreira. **A condição feminina no RJ do século XIX**. SP: Hucitec; Brasília: INL, 1984.